



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**MARIA EDUARDA PONTES DO NASCIMENTO**

**DOR, LUTA E ASCENSÃO: A JORNADA FEMININA EM *VIDA DE MULHER*, DE  
CARMEN DE FIGUEIREDO**

**GUARABIRA – PB  
2023**

MARIA EDUARDA PONTES DO NASCIMENTO

**DOR, LUTA E ASCENSÃO: A JORNADA FEMININA EM *VIDA DE MULHER*, DE  
CARMEN DE FIGUEIREDO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura Portuguesa.

**Orientadora:** Profa. Dra. Aldinida Medeiros

**GUARABIRA – PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244d Nascimento, Maria Eduarda Pontes do.

Dor, luta e ascensão [manuscrito] : a jornada feminina em vida de mulher, de Carmen de Figueiredo / Maria Eduarda Pontes do Nascimento. - 2023.

25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Aldinida Medeiros , Departamento de Letras - CH. "

1. Vida de mulher. 2. Carmen de Figueiredo. 3. Condições de vida da mulher. 4. Autoria feminina. I. Título

21. ed. CDD 028

MARIA EDUARDA PONTES DO NASCIMENTO

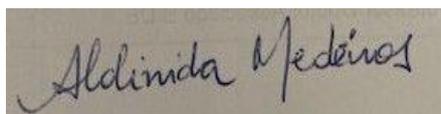
DOR, LUTA E ASCENSÃO: A JORNADA FEMININA EM *VIDA DE MULHER*, DE  
CARMEN DE FIGUEIREDO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito para a obtenção do título de  
graduada em Letras com habilitação em  
Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura  
Portuguesa.

Aprovada em: 27/ 06/ 2023.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Aldinida Medeiros (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Isa Margarida Vitória Severino  
Instituto Politécnico da Guarda (IPG)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** FRANCIS WILLAMS BRITO DA CONCEICAO  
Data: 04/07/2023 16:16:26-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Ms. Francis Willams Brito da Conceição  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

À minha mãe, Maria José, pela sua coragem e pelo o seu amor, DEDICO.

“É tão bom sonhar, idealizar a vida que será nossa!” (FIGUEIREDO, [19--], p. 59).

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CIM	Conselho Internacional das Mulheres
CNMP	Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas
LRMP	Liga Republicana das Mulheres Portuguesas
PIDE	Polícia Internacional e de Defesa do Estado

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>CARMEN DE FIGUEIREDO E SEU TEMPO: UMA ROMANCISTA ENTRE O NEORREALISMO E AS PAUTAS FEMINISTAS</b> .....	<b>10</b>
2.1	Notas sobre a conjuntura político-social portuguesa do século XX .....	10
2.2	Carmen de Figueiredo no cenário literário português .....	11
2.3	Entre o neorrealismo e as pautas feministas .....	12
<b>3</b>	<b>ASPECTOS DA FORMAÇÃO DOMÉSTICA E INTELLECTUAL DA MULHER NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX</b> .....	<b>13</b>
3.1	Para a mulher sempre o lar, os filhos, o silêncio .....	13
3.2	A luta feminina pelo ingresso no mercado de trabalho .....	14
3.3	Mulher e intelectualidade: Portugal do século XX .....	15
<b>4</b>	<b>A VIDA DE ALEXANDRA: A JORNADA DA MULHER PROVIDORA E SENSATA</b> .....	<b>16</b>
4.1	A representação da jornada feminina no romance de Carmen de Figueiredo .....	16
4.1.2	Ciclo primeiro: em meio às perdas, a dor .....	17
4.1.3	Ciclo segundo: continuar, sonhar e lutar .....	19
4.1.4	Com as conquistas, a ascensão .....	20
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>21</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>22</b>

## **DOR, LUTA E ASCENSÃO: A JORNADA FEMININA EM *VIDA DE MULHER*, DE CARMEN DE FIGUEIREDO**

Maria Eduarda Pontes do Nascimento<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Esta pesquisa apresenta-se como um estudo acerca do romance *Vida de mulher* [19--], da escritora portuguesa Carmen de Figueiredo. Objetiva-se analisar a protagonista feminina Maria Alexandra elaborada sob uma autoria feminina, considerando a jornada de Alexandra como uma representação da jornada vivida por muitas mulheres. Além disso, visamos expor a conjuntura político-social do período em que a autora escreve: a ditadura salazarista; apresentar características da autoria feminina como uma escrita que diferencia a figura feminina romanesca; identificar os ciclos que permeiam a jornada da protagonista e, por fim, relacionar os ciclos da jornada ficcional a não ficcional. No que concerne à metodologia, esse é um estudo bibliográfico, crítico-reflexivo, visto que sua realização se deu por meio da leitura e da aplicação do conhecimento teórico-crítico ao texto literário. Essa pesquisa se justifica em virtude da importância das produções de autoria feminina no século XX, bem como pela relevância da representação da mulher nas narrativas literárias. Para o embasamento teórico, contamos, dentre outros autores, com os estudos de Cova e Pinto (1997), no que se refere ao regime salazarista e às condições das mulheres; Vaquinhas (2000), atinente aos aspectos da instrução feminina nos séculos XIX e XX em Portugal; Esteves (2001), em relação ao feminismo em Portugal; Rosas (2001), concernente ao Estado Novo e ao totalitarismo; Jacome e Pagoto (2009), sobre a cultura patriarcal e a representação feminina na Literatura; Pedrosa (2019), ao abordar escritoras portuguesas inseridas no regime ditatorial; Oliveira (2022) em pesquisa específica sobre Carmen de Figueiredo. Ao final, chegamos à conclusão de que a jornada feminina é caracterizada pelo ciclo da dor, o ciclo da luta e o ciclo da ascensão, desconstruindo, assim, o modelo da mulher como sexo frágil.

**Palavras-chave:** *Vida de mulher*; Carmen de Figueiredo; condições de vida da mulher; autoria feminina.

### **ABSTRACT**

This research presents itself as a study about the novel *Vida de Mulher* [19--] (Woman's Life), by the portuguese writer Carmen de Figueiredo. As an objective, we intend to analyze the female protagonist elaborated under a female authorship, considering Alexandra's journey as a representation of the journey lived by many women. As specific objectives, we aim to expose the political and social conjuncture of the period in which the author writes: the Salazar dictatorship; present traits of the female authorship as a writing that differentiates the female figure of the novel; identify the cycles that permeate the protagonist's journey and relate the cycles of the fictional to non-fictional journey. Regarding methodology, this is a bibliographical, critical-reflective study, and its realization happened through reading and applying theoretical-critical knowledge to the literary text. This research is justified by virtue of the importance of female authorship productions in the 20th century, as well as the relevance of women's representation in literary narratives. For the theoretical basis, we rely, among other

---

<sup>1</sup> Graduanda em licenciatura plena em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/Campus III). E-mail: eduardap25@gmail.com.

authors, on the studies of Cova and Pinto (1997), with regard to the Salazar regime and the conditions of women; Vaquinhas (2000), pertaining to aspects of female education in the 19th and 20th centuries in Portugal; Esteves (2001), in relation to feminism in Portugal; Rosas (2001), concerning the *Estado Novo* (New State) and totalitarianism; Jacome and Pagoto (2009), on patriarchal culture and female representation in Literature; Pedrosa (2019), when addressing Portuguese writers inserted in the dictatorial regime; Oliveira (2022) in specific research on Carmen de Figueiredo. At the end, we came to the conclusion that the female journey is characterized by the cycle of pain, the cycle of struggle and the cycle of ascension, deconstructing the model of women as the weaker sex.

**Keywords:** *Vida de mulher*; Carmen de Figueiredo; women's living conditions; female authorship.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo de sua duração, o século XX tornou-se berço de acontecimentos históricos que afetaram a conjuntura mundial em diversas instâncias. Nesse contexto histórico, destacamos o continente europeu, especialmente Portugal, que, nos idos de 1900, foi palco de eventos que mudaram o curso de sua história.

O cenário português desse século foi marcado por transformações de ordens variadas. Nesse enquadramento, em 1910, os portugueses viram o fim da monarquia. Com o fim do período monárquico, inicia-se a Primeira República Portuguesa (1910-1926), sendo este um período caracterizado pela existência de entraves no campo econômico e político. Segundo Martinho (2007), os motivos pelos quais se chegou à crise são variados, como, por exemplo, dificuldades no âmbito do desenvolvimento econômico e das divergências entre os setores do governo. Dessa maneira, em 1926, militares conservadores promoveram um golpe de estado que levou ao fim a Primeira República. Desse modo, Portugal chega a uma ditadura militar que se estende até o ano de 1933, ano no qual se implanta o Estado Novo.

Implantado em 1933, esse acontecimento consistiu em um regime ditatorial altamente conservador, autoritário e antidemocrático, o qual teve como fundador e líder António de Oliveira Salazar.<sup>2</sup> Nesse período, a sociedade portuguesa carregou sobre si o peso de um regime totalitário que investiu na construção de aparelhos repressores para controlar a população. Seguindo o padrão ditatorial, censurava os meios de comunicação e repreendia ações que apresentavam caráter considerado subversivo.

Dentro desse sistema de governo ditatorial, situa-se a escritora portuguesa Carmelinda Miolet Morena de Figueiredo<sup>3</sup>, nascida em 1916, de acordo com Flores, Duarte e Moreira (2009). Assumindo o nome literário Carmen de Figueiredo, ela faz parte do grupo de mulheres escritoras desprovidas de reconhecimento no que diz respeito aos seus escritos literários. Nesse viés, Oliveira (2022) afirma que isso ocorreu pela ausência de espaço e de representatividade para textos de autoria feminina naquela época e, apesar de ter produzido romances, livros de contos e uma novela, além de ter publicações na imprensa de Portugal, não houve preservação de sua biografia.

---

<sup>2</sup> António de Oliveira Salazar (1889-1970) foi um professor universitário, advogado e presidente do Conselho de Ministros de Portugal de 1933 a 1968.

<sup>3</sup> Em correspondências encontradas entre Carmen de Figueiredo e Alfredo Pimenta, o nome da escritora aparece: Carmelinda Niolet Moura de Figueiredo e Matos Gomes.

Das obras literárias da referida escritora, destacamos, para o artigo em pauta, o romance *Vida de Mulher* [19--]<sup>4</sup>, que apresenta em sua narrativa um protagonismo feminino que nos leva a conhecer a jornada de Maria Alexandra.

Dividido em três partes e uma conclusão, o romance conta a vida de Maria Alexandra. A primeira parte narra os acontecimentos de sua vida enquanto criança que sempre se mostrou aplicada, estudante com muito gosto que de tudo queria ter conhecimento, ao lado de sua mãe, avó, irmão José e seu pai, que há muito vinha acometido por enfermidades. A segunda parte nos mostra Alexandra já órfã de seu pai a sofrer com as mudanças às quais necessitava submeter-se em virtude das condições que a vida lhe trouxera. É nessa fase que abandona o colégio muito dolorosamente e se põe a desenhar nas ocultas de sua casa, decidindo, um dia, apresentar-se à diretora de um colégio no intuito de conquistar um emprego que, deveras, se consegue. Na terceira parte, Maria Alexandra conhece Fernando, rapaz pelo qual se apaixona e se casa. Por fim, a conclusão do romance expõe o casal feliz com seus encargos e suas filhas.

Em vista do supradito, essa pesquisa se justifica em virtude da importância das produções de autoria feminina no século XX, bem como pela relevância da representação da mulher nas narrativas literárias. Alicerçado nessa importância, surge o objetivo geral desse estudo, o qual consiste em analisar a protagonista feminina elaborada sob uma autoria feminina, considerando a jornada de Alexandra como uma representação da jornada vivida por muitas mulheres. No que se refere aos objetivos específicos, visamos expor a conjuntura político-social do período em que a autora escreve: a ditadura salazarista; apresentar características da autoria feminina como uma escrita que diferencia a figura feminina romanesca; identificar os ciclos que permeiam a jornada da protagonista e, por fim, relacionar os ciclos da jornada ficcional a não ficcional.

Para a fundamentação teórica dessa pesquisa, recorreremos aos estudos de Cova e Pinto (1997), no que diz respeito ao regime salazarista e as condições das mulheres; Vaquinhas (2000), relacionado aos aspectos da instrução feminina nos séculos XIX e XX em Portugal; Esteves (2001), em relação ao feminismo em Portugal; Rosas (2001), concernente ao Estado Novo e ao totalitarismo; Jacome e Pagoto (2009), em razão da abordagem sobre a cultura patriarcal e a representação feminina na Literatura; Pedrosa (2019), no que se refere às escritoras portuguesas que tiveram suas obras censuradas pelo regime ditatorial; Oliveira (2022); ao tratar da escritora do romance em questão, entre outros autores.

Acerca da metodologia usada para o desenvolvimento dessa pesquisa, consiste em uma pesquisa bibliográfica, uma vez que “A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 158). Além disso, esse estudo é de cunho qualitativo, configurando-se como um estudo crítico-reflexivo acerca da autoria feminina e dos aspectos socioculturais na Literatura mediante a análise do romance *Vida de mulher* [19--].

Quanto à estrutura do artigo, para além dessa introdução, encontram-se presentes três seções. Desse modo, a seção seguinte explana, sumariamente, a conjuntura político-social marcada pelo regime ditatorial do Estado Novo Português, bem como apresenta algumas notas sobre a biografia de Carmem de Figueiredo. Em seguida, são expostos aspectos ligados à formação doméstica e intelectual da classe feminina no século XX. Dando seguimento, apresentamos a análise da jornada da protagonista com seus três ciclos identificados e classificados, representando os ciclos pelos quais passam as mulheres. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas durante a realização desse trabalho.

---

<sup>4</sup> O livro *Vida de mulher* que usamos para a realização deste trabalho não dispõe de ficha catalográfica e, por conseguinte, não tivemos acesso ao ano exato de sua publicação.

## 2 CARMEN DE FIGUEIREDO E SEU TEMPO: UMA ROMANCISTA ENTRE O NEORREALISMO E AS PAUTAS FEMINISTAS

### 2.1 Notas sobre a conjuntura político-social portuguesa do século XX

A conjuntura portuguesa do início do século XX é marcada por eventos de ordem política e social de grande relevância para a história de Portugal. Em virtude disso, conhecê-los contribui para o entendimento das pautas aqui levantadas. Dessa forma, recordemo-nos de que a Literatura caminha ao lado da História e de que conhecê-la faz-se um ato essencial quando se trata de estudos literários.

Na primeira década do século XX, ainda vigorava a monarquia, entretanto, nessa mesma década, o então rei de Portugal, D. Manoel II<sup>5</sup>, vê-se afastado do trono em virtude de uma revolução republicana ocorrida em 05 de outubro de 1910 que derruba a monarquia, dando início à Primeira República Portuguesa. Acerca de tal período, atesta Wheeler (1978):

A Primeira República Portuguesa (1910-26) constituiu a primeira tentativa persistente de estabelecer e manter uma democracia parlamentar. Apesar das intenções e dos ideais generosos e do entusiasmo inicial, os republicanos foram incapazes de criar um sistema estável e plenamente progressista. A República foi prejudicada pela frequente violência pública, pela instabilidade política, pela falta de continuidade administrativa e pela impotência governamental. Com um total de quarenta e cinco governos, oito eleições gerais e oito presidentes em quinze anos e oito meses, a República Portuguesa foi o regime parlamentar mais instável da Europa ocidental (WHEELER, 1978, p. 865).

Diante do exposto, percebe-se que o primeiro período republicano português foi marcado por uma instabilidade que impossibilitara a sua extensão, vigorando, assim, 16 anos. Nessa situação, “no dia 28 de maio de 1926 um golpe militar pôs fim aos dezesseis anos da Primeira República portuguesa” (MARTINHO, 2007, p. 12).

O período seguinte caracteriza-se como uma ditadura militar, a qual se estendeu de 1926 a 1933. Para Martinho (2007), esse processo de mudança de uma ditadura militar para um regime civil e corporativo se deu em razão da existência de disputas internas, o que ocasionou afastamentos de setores e a chegada de novas figuras nesse contexto.

Dentre os eventos históricos de mais relevo em solo português, destaca-se o período denominado Estado Novo. Segundo Martinho (2007):

“[...] foi um regime profundamente conservador, confiando muito mais em instrumentos/instituições de enquadramento tradicionais, como a Igreja católica e as elites políticas locais e provincianas do que em organizações de massa” (MARTINHO, 2007, p. 23).

O regime estado-novista implantado em Portugal esteve em vigor durante mais de quatro décadas do século XX (1933-1974). Nesse quadro, António de Oliveira Salazar e Marcello Caetano<sup>6</sup> se destacam, visto que assumiram o cargo máximo dentro do citado regime. Acerca desse período, o historiador português Fernando Rosas (2001) aponta:

[...] o Estado Novo, à semelhança de outros regimes fascistas ou fascizantes da Europa, alimentou e procurou executar, a partir de órgãos do Estado especialmente criados para o efeito, um projecto totalizante de reeducação dos «espíritos», de criação de um novo tipo de portuguesas e de portugueses regenerados pelo ideário

<sup>5</sup> D. Manuel II (1889- 1932) foi o último rei de Portugal.

<sup>6</sup> Marcello Caetano foi um professor, político e último presidente do Conselho de Ministros do Estado Novo em Portugal.

genuinamente nacional de que o regime se considerava portador. Ideal que, longe de se limitar a ser proclamado, ou de se restringir à formação do «escol», foi levado autoritariamente ao espaço e às sociabilidades privadas da massa, procurando modificar de raiz, e em extensão, os comportamentos, as atitudes e as condições sociais e mentais da sua geração (ROSAS, 2001, p. 1031).

Seguindo os moldes dos regimes autoritários e controladores, durante a vigência do Estado Novo, criaram-se órgãos visando conter todo ato coletivo ou individual que aparentasse ser subversivo indo contra os ideais estabelecidos. No caso português, destaca-se a criação da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE)<sup>7</sup>. A PIDE centralizava todos os organismos que possuíam “funções de prevenção e repressão política dos crimes contra a segurança interna e externa do Estado” (PIMENTEL, 2011, p. 139).

Sobre as ações da PIDE, ainda em consonância com Pimentel (2011), a partir dos anos 30, os atos preventivos e repressivos dessa polícia tiveram como principal alvo os comunistas. Nesse cenário, cabe-nos destacar a censura direcionada às produções literárias que não se enquadravam nos parâmetros estabelecidos pelo regime, seja pelo seu conteúdo, seja pela sua autoria. O que se confirma nas palavras de Pedrosa (2019):

Para que a ideologia do Estado Novo se tornasse sólida, fosse a nível da moral que apregoava, do fortalecimento do ideal nacionalista, do poder incontestável do regime ou dos princípios económicos que defendia, o regime usou meios de censura de forma a poder controlar a produção intelectual e calar os discursos de carácter político que o afrontassem (PEDROSA, 2019, p. 120).

Nesse contexto de censuras realizadas pela PIDE, destacamos as obras censuradas escritas por mulheres. Ainda em consonância com Pedrosa (2019, p. 118), vale ressaltar que “[...] vários censores literários não contestavam exactamente os conteúdos das obras, mas antes as suas autorias: como aconteceu com Maria Archer, Carmen de Figueiredo e Maria Teresa Horta [...]”. Dentre as autoras mencionadas, cabe-nos o enfoque na escritora Carmen Figueiredo, autora de duas obras mencionadas adiante censuradas pela PIDE. Sobre esta escritora, discutiremos a seguir.

## 2.2 Carmen de Figueiredo no cenário literário português

Nos últimos tempos, temos ouvido com mais vivacidade as vozes das mulheres. Vozes estas que se fazem ouvir por meio da composição de canções, da pintura de telas, da escrita de textos literários. No campo da escrita literária portuguesa do século XX, encontramos vozes femininas que têm falado ao mundo através de seus escritos. Entre essas vozes, acentuamos a voz da romancista portuguesa Carmen de Figueiredo.

A Literatura Portuguesa do século XX abarca um grupo de mulheres escritoras que não tiveram visibilidade e reconhecimento no que diz respeito às suas obras literárias. Nesse cenário, existiram contistas e romancistas que muito produziram, no entanto, sobre tais autoras pouco se sabe. Nesse viés, seus nomes não chegaram a fazer parte do cânone literário, o qual é permeado por nomes de autores masculinos em detrimento dos femininos.

Sob esse contexto de invisibilidade, encontra-se Carmelinda Miolete Morena de Figueiredo, a qual, ao longo de sua carreira, assumiu o pseudônimo Carmen de Figueiredo. Sobre seus dados biográficos, que poucos chegaram aos dias atuais, convém trazer à baila o que apresenta Oliveira (2022):

---

<sup>7</sup> Polícia que detinha a função de prevenir e repreender os crimes contra a segurança interna e externa do Estado durante a vigência do Estado Novo.

Sobre a sua biografia, há poucos registros dos quais podemos nos valer. Além do seu nome completo – Carmelinda Miolet Morena de Figueiredo – e data de nascimento – 1916 –, outra informação pertinente presente em artigo disponibilizado pela Direção Regional de Cultura do Centro, é de que a referida escritora nasceu em Miranda do Corvo (OLIVEIRA, 2022, p. 27).

Nos fins dos anos de 1940, ainda sob a vigência do Estado Novo, Carmen inicia sua produção literária com as publicações de *Ele não é meu marido* (livro de contos), de 1948, e *Caminho do Calvário* (romance), de 1949. Nesse quadro de produção, ressaltamos duas produções literárias da referida escritora censuradas pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a saber: *Famintos* (1950) e *Vinte anos de manicômio* (1950). Diante disso, “Através deles, apercebemo-nos de que a autora foi censurada pela inclusão, na estrutura das narrativas, de descrições sexuais” (PEDROSA, 2019, p. 124). À época, vale ressaltar, não se esperava de mulheres a publicação de conteúdos com teor sexual presente, seja de forma marcada ou suave.

Carmen de Figueiredo apresentava-se como uma mulher de postura distinta quando se leva em consideração a sua época e a condição imposta à classe feminina. Ao nos debruçarmos sobre os poucos estudos realizados sobre ela, chegamos ao conhecimento de que ela começa a escrever muito jovem e de que seu objetivo seria prosseguir nesse ramo fazendo dele seu sustento para a vida, e essa atitude a coloca em um lugar em que quebra os padrões que vigoravam. Sobre essa conjuntura, adverte Oliveira (2022):

[...] ao levarmos em consideração o contexto patriarcal e ditatorial no qual Carmen estava inserida, uma das poucas profissões do universo masculino que até então poderia ser adotada pela mulher consistia na escrita literária, apesar de essa escrita ser, frequentemente, considerada menor e sem valor estético, ou mesmo literário, como aconteceu com as cartas, diários e biografias (OLIVEIRA, 2022, p. 23).

Ainda de acordo com Oliveira (2022), Carmen escreve em um tempo no qual sua classe estava se afirmando dentro do mundo da escrita e, apesar de estar nesse processo, não se intimida. Seu enfrentamento a tais condições lhe faz abordar, em seus escritos, temáticas vistas como feias e inaceitáveis para época na qual estava inserida. Em *Vida de mulher* [19--], a escritora versa sobre assuntos delicados, entre eles, citamos: o alcoolismo, o casamento e o lugar da mulher na sociedade, como bem traz a escolha do título da obra.

Consciente das condições adversas às quais era frequentemente submetida enquanto mulher e escritora, bem como audaciosa ao ponto de abordar, em suas obras, temas delicados e, por vezes, ocultados pela sociedade em que vivia, Carmen de Figueiredo contribui de modo significativo com sua vida e com sua obra para o entendimento da autoria feminina na Literatura Portuguesa.

No próximo subtópico, abordaremos, brevemente, o contexto no qual se insere a escritora em um tempo marcado pelas pautas feministas que estão a emergir e pelo movimento neorrealista português.

### **2.3 Entre o neorrealismo e as pautas feministas**

Começando a vida literária nos anos 40 do século XX, Carmen de Figueiredo pode ser considerada uma escritora inserida dentro do movimento neorrealista português. Para Saraiva e Lopes (2005), “O neo-rrealismo(*sic*) apresenta como característica básica (e explícita no seu próprio nome, que se generaliza desde 1938) uma nova focagem da realidade portuguesa, de certo modo análoga à da Geração de 70 [...]” (p. 1032).

De modo singular, em Portugal, “[...] o Neorrealismo é também expressão intensa de insatisfações políticas. A intelectualidade portuguesa mais à esquerda posiciona-se por meio dele contrária ao Estado Novo Português” (AMBIRES, 1974, 106). Nesse contexto, é possível

afirmar a existência de traços neorrealistas nas obras de Carmen quando, em suas narrativas, retrata o estrato menos favorecido da sociedade, ou seja, sujeitos que fogem dos estereótipos, bem como retrata fortemente a jornada vivida pelas mulheres portuguesas que lhe são contemporâneas.

Desse modo, as narrativas carregam consigo características que ultrapassam as páginas de um livro, especialmente, quando se discute acerca das vivências da classe feminina. Levando em consideração a narrativa analisada, a autora contempla o modo de vida das mulheres com as lutas enfrentadas no cotidiano. Ao nos recordamos da época na qual a autora se encontrava, constataremos que a luta por ela travada figurava como um ato de resistência às imposições sociais vigentes. Contudo, a resistência que partia da classe feminina começa a surgir já na transição do século XIX diante das imposições oriundas de um sistema que lhes limitava. Nessa lógica, afirma Esteves (2001):

Sem quaisquer direitos políticos e confinadas ao tradicional, e imutável, papel de esposas, mães, irmãs ou filhas, as mulheres portuguesas na transição do século XIX, estavam remetidas a um plano de inferioridade legal, social e cultural [...] (ESTEVES, 2001, p. 87).

Dentro desse quadro de inferiorização feminina, Carmen de Figueiredo, ao se assumir escritora, quebra os padrões impostos, mostrando-se como um sujeito que quer ter direitos de atuação nas esferas sociais, os quais, por muito tempo, têm sido dados apenas à classe masculina. Ainda segundo Esteves (2001), a tentativa de ver a inversão desse quadro reuniu mulheres que questionavam os argumentos usados para legitimar a subordinação da mulher ao homem, como também almejavam atuar de modo a intervir socialmente de acordo com suas capacidades. Em face do que foi dito, verifica-se que no cerne da questão estavam as mulheres a lutar pelo fim das imposições oriundas do sistema patriarcal que as subjugava e as diminuía. Seguindo essas discussões, no próximo tópico, abordaremos as questões relacionadas à mulher no que diz respeito à sua formação doméstica e intelectual nas primeiras décadas do século XX.

### **3 ASPECTOS DA FORMAÇÃO DOMÉSTICA E INTELECTUAL DA MULHER NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**

#### **3.1 Para a mulher sempre o lar, os filhos, o silêncio**

Para as mulheres, sempre o lar, os filhos, o silêncio. Seus direitos sempre foram muito escassos, quando não inexistentes. Dessa maneira, a incidência de um ato fora da linha determinada era considerada um atentado à ordem em vigor. Seguindo esse raciocínio, ao nos debruçarmos sobre a História, constataremos que para tal classe a educação fora colocada muito distante, quase inalcançável, uma vez que era voltada para a formação masculina. Em decorrência disso, durante muito tempo, estudar era um verbo ausente não só no vocabulário, como também, na prática do mundo feminino. Seguindo essa lógica, para o corpo social, o mundo feminino limitava-se aos cômodos de sua casa. Destarte, transcender esses limites seria ir de encontro ao que era considerado a “natureza feminina”. Nessa perspectiva, aponta Vaquinhas (2000):

Segundo a física do século XIX, cada ser humano era dotado de uma certa quantidade de energia, a qual se mantinha constante no corpo, não devendo por isso ser destruída ou desperdiçada, a fim de manter essa “força vital”, como então se dizia, não era aconselhada uma instrução aprofundada para as mulheres uma vez considerado que o estudo em demasia, reduzia a energia disponível para os órgãos femininos mais importantes – os reprodutores – causando a esterilidade ou, pelo menos, tornando a mulher meninos fecunda ou incapaz de amamentar (VAQUINHAS, 2000, p. 95).

Em face do que afirma Vaquinhas, inferimos que as mulheres sempre foram vistas e tratadas socialmente como possuidoras, apenas, de capacidades ligadas à reprodução. Nesse sentido, todas as suas capacidades intelectuais não eram sequer cogitadas pela casta de intelectuais da época, que era formada, majoritariamente, por homens. Assim, os únicos atributos femininos que interessavam estavam ligados à maternidade e à casa.

A ideia de a mulher estar apta apenas para os afazeres domésticos transcendeu o século XIX. É possível perceber, nas primeiras décadas do século XX, que as ideias se mantinham quase inalteradas e à mulher sempre era atribuído o lar. Nesse viés, durante a longa vigência do Estado Novo, tais ideias receberam apenas complementos que visavam o favorecimento do regime. Assim, aponta Cova e Pinto (1997):

[...] o Estado Novo manteve-se fiel às mensagens inalteravelmente repetidas, com um intervalo de quarenta anos, pela Igreja Católica nas encíclicas *Rerum Novarum* (1891) enunciava e *Quadragésimo anno* (1931), em que a natureza predispôs as mulheres a ficarem em casa a fim de educarem seus filhos e de se consagrarem às tarefas domésticas (COVA; PINTO, 1997, p. 72).

Contudo, mesmo inseridas nesse quadro, a classe feminina caminhava para fora do lar. Quebrando os padrões, “as mulheres continuaram a entrar no mercado de trabalho durante o Estado Novo” (COVA; PINTO, 1997, p.76). É, portanto, nesse panorama de início de século que começam a surgir as primeiras associações feministas em Portugal. Aqui, daremos, sucintamente, destaque à Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (LRMP) (1909) e ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP) (1914). Sobre a primeira, tinha como objetivos a orientação, a educação e a instrução da mulher portuguesa, tendo em conta os princípios da democracia. Quanto ao segundo, de acordo com Cova e Pinto (1997), consistia em uma seção em Portugal do internacional *Council Of Woman* (Conselho Internacional das Mulheres, CIM), tendo sua fundação ainda nas últimas décadas do século XIX. Dentre seus objetivos, estavam o de federar as associações femininas e de defender os assuntos atinentes à melhoria das condições femininas. Dessa forma, A LRMP e o CNMP contribuíram significativamente para a luta pelos direitos da classe feminina em Portugal.

Em meio à série de batalhas por direitos travadas pelas mulheres na sociedade, cabe o destaque para as lutas em busca do ingresso no mercado de trabalho, assunto sobre o qual tratamos, brevemente, a seguir.

### **3.2 A luta feminina pelo ingresso no mercado de trabalho**

Vistas, vezes sem conta, como aptas apenas para realização dos afazeres domésticos, as mulheres enfrentaram, e ainda enfrentam, os altos muros do preconceito para a conquista da inserção no mercado de trabalho. Nesse contexto, dentro do universo literário e também na vida, encontramos mulheres que seguem o caminho escolhido pela protagonista da obra em questão, no qual não se calam diante das resistências familiares e lutam para chegar ao lugar que desejam.

No século XX, a ideia da mulher talhada para os afazeres domésticos seguia tendo seus defensores, sobretudo, na conjuntura política. No entanto, aumentava o número de mulheres que realizavam trabalhos fora de casa. Sobre essa ocorrência no contexto do Estado Novo, aborda Cova e Pinto (1997):

Durante a longa duração do Estado Novo, uma parte muito significativa da população activa trabalhava no setor primário, o mesmo sucedendo com as mulheres. [...] No final do salazarismo, a maioria das mulheres que trabalhavam fora de casa não eram casadas [...] (COVA; PINTO, 1997, p 75).

Como na história do trabalho da classe feminina em Portugal, no romance *Vida de mulher* [19--], a protagonista faz parte do grupo de mulheres não casadas que procuravam trabalhos fora de casa. Alexandra, por sua vez, procurava uma oportunidade de atuar em um colégio, fazendo parte do corpo docente. Tomada pela ousadia que lhe era característica, dirige-se até o colégio para expor sua situação à diretora. Tal ocorrência fica exposta no seguinte trecho: “Estava em frente duma porta aberta. Entrei resolutamente, com altivez. Sentada a uma secretária ampla, estava uma senhora triste e macilenta, de enormes olhos, com uma desolada expressão de íntima fadiga [...]”<sup>8</sup> (FIGUEIREDO, [19--], p. 69).

Dessa maneira, ao sair de sua casa objetivando encontrar emprego como professora, Maria Alexandra mostra-se ao mundo como uma mulher que vê em si capacidades, que por tantos são preteridas e silenciadas. Ademais, mostra-se como uma mulher que travou combates insólitos, visto que o que se espera da mulher, como já dito, é limitar-se ao lar.

Partindo dos conhecimentos acerca dos aspectos domésticos que dizem respeito às mulheres, como também dos movimentos em prol da igualdade de direitos e a luta pelo ingresso no mercado de trabalho, interessa-nos, também, uma abordagem quanto aos aspectos intelectuais e educacionais dos anos de 1900.

### 3.3 Mulher e intelectualidade: Portugal do século XX

Em Portugal, o século XIX foi marcado por uma premissa que via o homem como o único capaz de seguir uma carreira científica. À mulher, muito pouco progresso no âmbito intelectual. Nesse sentido, quando a educação surge no mundo das mulheres, ela visa o preparo para a sua atuação no lar, para o trato com sua família e para o casamento, o que se configurava como uma manutenção de um sistema favorável àqueles que o criaram. Desse modo, as iniciativas voltadas à educação que transcendem os lares eram parcas. Sobre esse cenário, Vaquinhas (2000) aponta:

A instrução feminina é um tema que suscitou muito pouco interesse em Portugal até meados do século XIX. Apesar da atenção que o assunto merecera de alguns setores ilustrados do século XVIII, a indiferença sobre esta matéria caracteriza toda a primeira metade do século XIX, refletindo-se na pobreza de iniciativas práticas destinadas a promover a instrução feminina (VAQUINHAS, 2000, p. 96).

De acordo com Vaquinhas (2000), seguindo esse curso, a partir da metade do século XIX, vê-se um avanço no que tange à esfera educacional feminina com as escolas direcionadas à citada classe e com o surgimento da primeira escola normal feminina (1862). Considerava-se pertinente, visando à modernização e à aproximação de Portugal dos outros países, o avanço dessa instância social. Mesmo dentro dessa situação, é necessário deixar evidente as conquistas surgidas, em especial quando se reconhece que a classe feminina tem direito de ser instruída.

Com a transição do século XIX para o século XX, apresentam-se alterações de relevância nesse cenário. Assim, a Primeira República apresenta uma abertura mais ampliada para a classe feminina na esfera educacional, permitindo-se às mulheres o acesso aos liceus<sup>9</sup>, antes frequentados apenas pela classe masculina. Esse fato configura-se como uma grande conquista para a dita classe, haja vista que, com tais aberturas, começava a vislumbrar um novo horizonte. Entretanto, no decorrer das primeiras décadas do século XX em solo português, com a implantação do Estado Novo, defensor da ideia do “regresso ao lar”, as ações das mulheres,

<sup>8</sup> As citações retiradas da obra em estudo preservam os termos da forma como são grafados originalmente pela escritora.

<sup>9</sup> Em Portugal os liceus consistiam em instituições de ensino secundário com abertura para a classe feminina na primeira década do século XX.

ao assumirem papéis sociais, deixando os limites dos cômodos da casa e de sua família, eram consideradas algo preocupante.

Nessa lógica, o regime ditatorial, moveu-se para a imposição de suas ideias, ocorrendo por meio de restrições das atividades, bem como através da criação de organizações femininas que objetivavam conduzir a juventude feminina aos caminhos voltados para o seio familiar, considerado o dever da mulher. Para o Estado Novo, a classe feminina deveria dedicar-se inteiramente à instância doméstica e assumir seu papel diante da família e da pátria, exaltadas pelo regime em questão. Assim:

A mulher ocupa o espaço do lar, a que pretensamente pertence, e o homem o espaço público. O regresso da mulher ao lar – onde torna a ser “fada”, depois de, com a República, se ter esforçado por se tornar “cidadã” – é preconizado por outros regimes contemporâneos, como seja o da Alemanha nazi (MELO, 2017, p. 25 *apud* OLIVEIRA, 2022, p. 41).

Havia, no referido regime, uma abertura que permitia à mulher ocupar espaços e desempenhar funções outrora exclusivas para os homens. Nessa conjuntura, algumas instituições aceitaram que mulheres atuassem como professoras instruindo meninas. É preciso, no entanto, dizer que isso ainda não ocorria pelo reconhecimento das capacidades que as mulheres possuíam, já que “[...] a intenção não era, de fato, instruir, mas sim, doutriná-las a se comportarem conforme as diretrizes estabelecidas pelo regime, para que este mantivesse o seu plano de subordinação da mulher [...]” (OLIVEIRA, 2022, p. 42).

Contudo, sobre a educação feminina no referido período, “tem-se um fenômeno interessante: o regime pregava a permanência da mulher no lar, ao mesmo tempo que aumentava a participação das mulheres nas escolas e em funções profissionais” (PEREIRA, 2021, p. 50). Nesse intervalo, o número de alunas aumenta consideravelmente e a desigualdade entre homens e mulheres escolarizados diminui. Vale destacar que o ingresso nos âmbitos educacionais e no mercado de trabalho constitui um fenômeno que ultrapassa as fronteiras de Portugal, tendo em vista que tal fato também acontecia em outras nações, sobretudo com a força e a voz dos movimentos feministas que viam na educação e no trabalho o caminho para a emancipação feminina. Conforme salienta Pereira (2021):

O fenômeno da saída da mulher do ambiente domiciliar, observado em Portugal, acompanha o movimento global de modernização da sociedade, momento em que a figura feminina começa a ganhar cada vez mais espaço, emancipando-se do patriarcado, tendo na educação o principal meio de transformação da sua realidade (PEREIRA, 2021, p. 51).

Desse modo, cabe-nos ressaltar que os espaços conquistados pela classe feminina no corpo social já se faziam presentes nos romances escritos por mulheres no século XX. No referido século, é possível encontrar jornadas fictícias protagonizadas por personagens femininas que seguiram o movimento das mulheres do mundo no qual ultrapassavam os limites de suas casas e os limites pertencentes aos padrões vigentes nos séculos em questão. Em meio a esse quadro, destacamos a jornada de Maria Alexandra, sobre a qual trataremos na próxima seção.

## **4 A VIDA DE ALEXANDRA: A JORNADA DA MULHER PROVIDORA E SENSATA**

### **4.1 A representação da jornada feminina no romance de Carmen de Figueiredo**

Pensar e examinar a jornada das mulheres representada nos escritos literários de autoria feminina de modo a levar em consideração os estudos que abordam as condições nas quais se

encontraram e se encontram as mulheres, tem sido um ato necessário e de relevância impar na contemporaneidade. Nesse campo de discussões, destaca-se o que afirmam Jacome e Pagoto (2009):

O exame de obras da literatura de autoria feminina permite que a crítica literária legitime a existência das mulheres escritoras como sujeitos históricos, reforçando sua identidade social. As representações do sexo feminino na literatura também revelam uma face da história de opressão das mulheres a partir do exame das tradições da cultura patriarcal (p. 10).

Como fonte inesgotável de conhecimentos, tais escritos têm nos levado a caminhos que mostram um pouco mais sobre a classe feminina. Classe essa que vem encontrando, dentro das existências fictícias literárias, traços que se assemelham aos seus, caminhos que lhe são conhecidos, lutas que representam as suas lutas. Nesse contexto, podemos encontrar obras que trazem a jornada de personagens femininas que representam o percurso traçado por muitas mulheres. Partindo desta constatação, encontramos, entre as obras produzidas pela escritora Carmen de Figueiredo, o romance *Vida de mulher* [19--]. Nesse escrito, há a trajetória percorrida por Maria Alexandra, protagonista do romance, que enfrentou dores e lutas até chegar à ascensão. A dor, a luta e a ascensão, vale ressaltar, são elementos marcantes que fazem parte da existência humana, sobretudo a dor e a luta. A ascensão, por sua vez, faz-se um estado um pouco mais difícil de ser alcançado, singularmente se nos referirmos à vida das mulheres. Nesse sentido, ao recorrermos aos conhecimentos oriundos da História, constataremos que muitas existências femininas foram marcadas por dores e por lutas, entretanto, o número sofre uma considerável diminuição quando se fala em mulheres que conseguiram alcançar a ascensão.

No romance em questão, os ditos elementos se destacam, caracterizando a caminhada de Alexandra e dando nome aos ciclos que ela vivencia. O primeiro ciclo, apresentado no próximo subtópico, consiste na dor oriunda das perdas e das privações impostas pelas condições na quais a personagem se encontra no seio familiar.

#### **4.1.2 Ciclo primeiro: em meio às perdas, a dor**

No seio familiar de Maria Alexandra, além desta, encontram-se seu irmão, seu pai e mais duas mulheres — sua mãe e sua avó. Nesse lar, destaca-se o forte laço afetivo que une a protagonista aos demais quando diz:

Adorava o pai e via-o abatido, mergulhado em longos silêncios aterradores; amava a mãe e sentia-a inquieta sob a sua calma aparente; amava a avó e pressentia a sua dolorosa fadiga. Ela não estava habituada a trabalhos tão pesados como os que agora executava, sem descanso. Amava o José e amargurava-me o seu feitio, o seu desprendimento pelas realidades da Vida, a sua maneira insensata e até cruel de encarar as coisas. Amava-os tanto, a esses quatro seres, e não podia libertá-los daquela garra invizível que os perseguia, que os ameaçava, traiçoeira e inexorável (FIGUEIREDO, [19--], p. 20).

Em meio às dificuldades que surgiam ao seu redor, Alexandra dá-se conta das existências que lhe cercam. Dona de uma consciência aguda, observa e analisa o contexto, bem como tudo que dele resulta. Sua consciência fazia-se capaz de despir as roupas postas na tentativa de cobrir o que era inevitável. O inevitável consistia na crise que paulatinamente ia criando corpo. Nesse cenário, os males físicos que tomavam conta de seu pai se acentuavam. Ele, uma vez sendo o provedor da casa, já não podia assumir tal ocupação, aumentando, dessa maneira, os trabalhos para os demais familiares que necessitavam seguir suprindo suas necessidades. A trajetória de Alexandra, desde cedo, conheceu a morte e seus efeitos. Inserida

em um cenário difícil, perde o pai. Seu sofrimento não se mede. Assim, o primeiro ciclo que marca seu percurso é marcado pela dor, conforme nos mostra o trecho abaixo:

A minha mágoa transbordava. Líquido fluído. Já não era um soluço, eram muitos soluços que me safanavam todo o corpo. Nós de corda seguidos uns aos outros. E a dor a crescer, a crescer; o próprio sangue que palpitava nas minhas veias se transformara em dor. Não via o sol pálido, nem a terra escura do chão batido que pisava. Nada. Um autómato? Inconsciente perante a mudez do vasto mundo vegetal. A meu lado, macilenta, a dona Blandina amparava os meus passos vacilantes, afastava-me da entrada habitual, encaminhava-me para o lado das cozinhas. Entrámos; subimos ao dormitório pela escada das criadas. Enquanto a dona Blandina preparava a minha mala, a directora que Viera, beijava-me a testa, afagava-me as tranças. Os olhos baços, sem uma palavra. Todas seriam inúteis (FIGUEIREDO, [19--], p. 30).

No fragmento exposto, constatamos a protagonista abordando sua dor diante de sua primeira grande perda. Ao ressaltarmos “primeira grande perda”, afirmamos, implicitamente, a existência de outras, contudo, essas outras dores não lhe afetaram como essa, para a qual, como mesmo diz, as palavras seriam inúteis. Maria Alexandra conheceu cedo os efeitos da morte, o que contribuiu para o seu amadurecimento. Com o falecimento do seu pai, as dificuldades tornaram-se mais agudas, e, com uma consciência impar como a sua, logo deu-se conta de que as próximas experiências que lhe viriam pediriam dela uma maturidade singular. Nesse viés, as responsabilidades do sustento da casa recaíram para as mulheres, ou seja, sobre sua mãe e sua avó. Isso fica evidente no seguinte excerto:

Passados dias, a mãe foi emergindo do seu penoso estado apático. Pesavam, agora, sobre ela, tremendas responsabilidades. Ouvia as conversas entre a mãe e a avó mas ainda não lhes dava o Valor que realmente possuíam. Até ali não sentira dificuldades nem compreendia que se podia sofrer com a falta de dinheiros (FIGUEIREDO, [19--], p. 58).

Esse acontecimento não se limita a uma existência romanesca. É preciso dizer, no entanto, que, fora do mundo ficcional, isso se faz um acontecimento não menos dificultoso. Os motivos são vários, no caso em questão, a necessidade de sobrevivência se destaca, tendo em vista a morte do pai e antigo chefe e provedor. Nessa conjuntura, cada vez mais as mulheres têm assumido o papel de provedora dentro dos núcleos familiares. Em alguns núcleos, além de provedoras, assumem a chefia, ao que se intitula chefia feminina. Sobre esse conceito, Carvalho (1998) explica que

[...] tem sido, tradicionalmente, aplicado às situações onde famílias e/ou domicílios são liderados por mulheres sozinhas, onde o parceiro masculino está ausente, como nos casos de viúvas, mães solteiras e mulheres desquitadas/separadas com dependentes (p. 08).

Ao ponderarmos sobre o conceito de chefia feminina, percebemos que se faz uma quebra com os padrões patriarcais. Seguindo tais padrões, a chefia é, invariavelmente, masculina. Nesse espaço, os homens sempre assumem os papéis de liderança, pois são considerados dotados das capacidades necessárias. À mulher, cabe sempre os papéis subordinados aos homens.

Nesse quadro árduo em que se encontra a família de Alexandra, unindo-se a dor da perda de seu pai, os escassos ganhos financeiros também se fazem fonte de dor. Assim, a protagonista vê-se diante de mais uma perda, perda essa que ocorre quando é informada de que não poderá voltar mais a frequentar o colégio com tudo que lhe oferecia, de modo especial, o convívio com

suas amigas e com as mulheres que nele conhecera. Os motivos e as consequências podem-se ver em:

- Tens de responder-lhes; infelizmente não Voltarás ao Colégio... Irei lá eu qualquer dia, falar com a directora... O garfo caíu-me dos dedos e eu rompi a soluçar baixinho (no entanto, meses antes, desejara não voltar). [...] - Tem de ser, minha filha. Mais tarde compreenderás. Agora, o ordenado fixo que teu pai recebia da casa de máquinas, já não vem. Ainda era alguma coisa. Temos de cortar muitas despesas... (FIGUEIREDO, [19--], p. 39-40).

Como se percebe no excerto, Maria Alexandra encontrava-se na delicada situação de ter que lidar com simultâneas perdas. Perdendo o pai, perdera, também, a continuação na vida escolar, e, conseqüentemente, o convívio com as amigas, o que se faz doloroso, sobretudo quando tudo o que se tem é muito pouco. Fora do mundo romanesco, a realidade das mulheres que são privadas de seguirem sua caminhada escolar pela existência de entraves de ordem financeira na família também se faz dolorosa. Dentro desse conjunto de acontecimentos, o que a vida lhes traz é a necessidade de lutar.

#### 4.1.3 Ciclo segundo: continuar, sonhar e lutar

Os combates, em sua maioria, iniciam-se nos recônditos do ser e, assim, via-se tal personagem: “Dormi mal aquela noite. As palavras da mãe caíram todas, como gotas de lume, dentro da minha alma de adolescente atormentada. Nunca mais as esqueci” (FIGUEIREDO, [19--], p. 41). As lutas internas enfrentadas pela protagonista em questão também são um retrato das lutas travadas por mulheres que, antes de enfrentar o mundo, carecem de enfrentar a si mesmas.

Maria Alexandra crescia, física e intelectualmente, em meio as suas lutas diárias que dela faziam uma mulher distinta e forte. Percebemos isso no seguinte fragmento:

Eu estava quase a completar dezessete anos. Atingira a plenitude do raciocínio, sabia comandar os pensamentos. Nada me confundia. A luta sustentada dentro da nossa casa, só essa luta, ensinara-me a tudo compreender (FIGUEIREDO, [19--], p. 57).

Os conhecimentos adquiridos com a luta enfrentada no íntimo de sua casa lhe trouxeram esclarecimentos necessários acerca de sua condição enquanto um sujeito que podia mover-se em busca de seus sonhos, o que constatamos no trecho a seguir:

Naquela semana propuz-me a ir levar à cidade as rendas e umas bluzas de malha já acabadas. A avó opoz-se com enervante decisão. - Não sabes quem são as freguesas. Isso são contas comigo. - Dê-me as direcções, avó. Lá irei ter. De resto, já fui algumas. Vezes consigo e conheço bem as freguesas. Sabe-se-lhe bem a conta. Insisti, batalhei, rodeei o assunto com todas as subtilezas. E Venci. [...] (FIGUEIREDO, [19--], p. 57).

O trecho confirma o que antes fora mencionado atinente ao comportamento de Maria Alexandra, que não se deixava vencer com tão pouco e que sabia qual caminho seguir para realizar o seu objetivo. Diante das dificuldades que não cessavam de aparecer, toma a decisão de agir para mudar o cenário. Contudo, encontra resistência dentro do próprio seio familiar. Esse panorama é também encontrado fora dos capítulos romanescos quando os parentes se colocam contra a decisão tomada por aquele que ousa mudar a situação. É importante destacar que, quando são as mulheres a assumirem esse papel, a dificuldade se acentua.

A decisão da protagonista consistia em mudar o contexto em que vivia, conquistando um emprego para si. Dessa maneira, ao mover-se de modo a trabalhar fora de casa, muda seu contexto e age indo de encontro aos paradigmas que enxergam a mulher na condição de incapaz

de transcender as barreiras de uma casa. Nessa lógica, afirmam Siqueira e Samparo (2017):

Um dos fatores dessa situação com certeza advém do preconceito em relação à inserção da mulher no âmbito laboral, o que configura uma violência simbólica, como também um reflexo da divisão sexual do trabalho, visto que ainda existe a máxima de que lugar de mulher é “pilotando um fogão” (SIQUEIRA; SAMPARO, 2017, p. 302).

A luta de Maria Alexandra representa a luta da classe feminina dentro de uma condição marcada pelas repressões. Sendo assim, Alexandra luta para atuar nesse mundo em um lugar que não seja sua casa, sob ordens que não são de um pai, irmão ou marido, e para a conquista da autonomia financeira.

#### **4.1.4 Ciclo terceiro: Com as conquistas, a ascensão**

Em sua trajetória, Alexandra conheceu variadas fontes de sofrimento. Perante essas dores que lhe acompanhavam, posicionava-se de modo a entender o seu cenário e a agir para seguir em frente. Ao longo de sua existência, descobriu que os verbos continuar e lutar rimavam, para ela, de modo singular. Para seguir, as batalhas faziam-se necessárias, contudo, carregava consigo um combustível que lhe colocava à frente: ela tinha sonhos. Marcada pela dor e pela luta, Alexandra começava a conhecer um novo ciclo, a sua ascensão.

Dessarte, a ascensão que aqui abordamos nos remete, de fato, ao que explana os dicionários em uma de suas primeiras acepções. Dessa forma, o sujeito que ascende caracteriza-se como um sujeito que se move de modo a sair de uma posição inferior para uma posição superior. Por esse ângulo, a ascensão daquela que protagoniza o romance consiste em movimento existencial em que, saindo da posição inferior de sofredora e dependente, ascende para uma posição superior em que se encontra realizada, autônoma e capaz de modificar o cenário precário da sua família. O ciclo da ascensão de Maria Alexandra se inicia com a sua aprovação como professora em um colégio, como se evidencia na passagem a seguir:

Encarei francamente a directora do Colégio, esperando pela sentença que ela ia proferir com seus finos lábios apagados. - Pode vir na próxima segunda-feira. Vou criar para si uma aula só de desenho à vista. Duas vezes por semana; segundas e quintas. Na segunda-feira falaremos em pequenos detalhes esclarecedores. [...] Fora admitida, tinha enfim um emprego? E sem recomendações, só por mim! Bendito Deus (FIGUEIREDO, [19--], p. 65).

Após lutar para ocupar um espaço no mercado de trabalho, Alexandra consegue alcançar seu objetivo. Dessa maneira, ao sair de sua casa objetivando encontrar emprego como docente, mostra-se como uma mulher que vê em si capacidades que são muitas vezes preteridas e silenciadas. Além disso, mostra-se como uma mulher que travou, em seu caminhar, combates insólitos em um meio social que lhe enxergava como incapaz de alçar grandes voos.

Indo de encontro aos paradigmas do meio social, Alexandra, desde sempre, assumiu a postura de uma mulher que desejava alçar grandes voos. Sua postura dialoga com o comportamento assumido por mulheres atuais que almejam ser bem-sucedidas em uma carreira que não se limita à de esposa e mãe. Segundo Fleck e Wagner (2003):

Atualmente, um número cada vez mais expressivo de mulheres trabalha fora de casa e contribui com a renda da família. Além da maternidade, muitas mulheres preocupam-se com sua realização acadêmica e valorizam a construção de uma carreira profissional, vislumbrando nessa atividade uma condição necessária ao sucesso da sua vida (FLECK; WAGNER, 2003, p. 31).

Nesse contexto, é importante frisar que, dentro e fora das páginas dos escritos literários, a classe feminina, fortemente marcada pelo assujeitamento e por práticas que a subjugavam, vem seguindo caminhos que lhe levam a ocupar espaços dentro na sociedade outrora considerados exclusivos para a classe masculina. De acordo com Jacome e Pagoto, (2009):

[...] durante muito tempo o sexo feminino não foi considerado sujeito na história da humanidade, seu papel, ao contrário era o de assujeitado, subjugado. Ou seja, esteve excluído de um núcleo social determinante, ocupado essencialmente por homens brancos e cristãos. Essa realidade não se concretizava apenas nas narrativas históricas. Na ficção, a mulher, da mesma forma, foi alvo de estereótipos fundados na cultura patriarcal que a marcaram como o “sexo frágil” [...] (JACOME; PAGOTO, 2009, p. 10).

Dentre os espaços outrora ocupados unicamente pela classe masculina, destacam-se os trabalhos remunerados e o seguimento na carreira intelectual e científica. No século XIX, de acordo com Vaquinhas (2000, p. 95): “Segundo se pensava, o prosseguimento de uma carreira científica (tal como uma carreira política) implicava a masculinização da mulher e a alteração de sua verdadeira natureza”. Ainda consoante Vaquinhas (2000), as moças eram desencorajadas a continuar sua vida escolar e não davam seguimento após a escolarização básica. O que se explica pela disseminação das ideias pelos intelectuais do momento que não aceitavam a mulher fora de suas casas e longe de seus familiares.

Em *Vida de mulher*, romance escrito no século XX, no qual ainda persistia e defendia-se a ideia do regresso ao lar, Carmen de Figueiredo cria uma personagem feminina que não segue totalmente os padrões estabelecidos. Diante dessa conjuntura, faz-se necessário apontar que, com a abertura no mundo literário para o ingresso das mulheres como escritoras, suas personagens assumiram papéis outrora assumidos pela classe masculina. Dessa maneira, na condição de autoras, produziram obras que, em consonância com Jacome e Pagoto, (2009, p. 17-18,), “desestabilizam essa estrutura mostrando que a mulher é capaz de se perceber como sujeito e dismantelar o discurso da dominação e das relações de poder”.

A conquista da personagem criada por Carmen representa a conquista de mulheres que muito lutaram e lutam pela emancipação seja intelectual, seja financeira. Com as vitórias sobre os obstáculos, a vida de Alexandra, particularmente marcada pela dor e pela luta, é finalmente marcada pela chegada dos momentos alegres. Como podemos perceber no fragmento:

Era verdade, era verdade; verdade! Passeei, num estado de Verdadeiro encantamento, ao longo do rio, esperando a hora do comboio que ainda tardava. O brilho das águas parecia-me diferente. Mais luminoso, transparente. Apetecia-me abraçar os meus semelhantes, incutir coragem aos que se deixavam Vencer pelo desânimo atrofiador. Empregada. Começaria a ter um ordenado certo, tornar-me-ia autónoma, aliviaria as aflições da mãe e da avó (FIGUEIREDO, [19--], p. 66).

A ascensão de Maria Alexandra se faz a ascensão daquelas mulheres que, depois de muito sofrerem e muito lutarem, conseguem alcançar seus sonhos, transformando suas idealizações em realidades em meio a uma sociedade imersa em práticas discriminatórias. Sob esse prisma, a dor e a luta dão lugar a uma ascensão de cor há muito tempo escassa na tela da vida de Alexandra. Após ter perdido o pai e as poucas condições que tinham, após lutar para adaptar-se a mudanças dolorosas, alegra-se com o fruto das batalhas memoráveis que, um dia, decidiu travar: “Um mundo que eu via pela primeira vez. Depois da morte do pai, sentia-me alegre só agora. Ia ser útil, ia lutar e viver fora da grande casa. A vida é amor e sofrimento” (FIGUEIREDO, [19--], p. 66).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a relevância da escrita de autoria feminina e os modos de representação da jornada da dita classe existentes nos romances inseridos na Literatura Portuguesa na primeira metade do século XX, desenvolvemos essa pesquisa. Desse modo, objetivamos um estudo crítico-reflexivo acerca do romance *Vida de mulher* [19--], evidenciando a existência de uma representação da jornada feminina através da jornada de Maria Alexandra na obra de Carmen de Figueiredo.

Ao longo dessa pesquisa, foram apresentadas algumas informações acerca do cenário político-social português no qual se inseriu a autora estudada, bem como os aspectos atinentes à formação doméstica e intelectual das mulheres na primeira metade do século XX, assim, encontramos um alicerce para as hipóteses formuladas nesse trabalho sobre a representação das condições sociais, educacionais e trabalhistas das mulheres portuguesas.

Dessa forma, ao analisarmos o percurso da protagonista, compreendemos que este se apresenta acentuadamente marcado por três ciclos, os quais classificamos como o ciclo da dor, o ciclo da luta e o ciclo da ascensão. À vista disso, consideramos que os três representam também os ciclos vividos pela classe feminina em sua trajetória fora da ficção.

Isso posto, ao identificarmos e classificarmos os ciclos vividos por Maria Alexandra na narrativa, constatamos o seu amadurecimento, a conquista do trabalho remunerado fora de sua casa e sua estabilização. Além disso, compreendemos que as amigas foram se fortalecendo e, enfim, que as outras duas mulheres ao seu redor, sua mãe e avó, foram seus suportes afetivos e morais, o que se fez um forte auxílio para que os ciclos vivenciados lhe permitissem uma escalada de consolidações.

Nesse sentido, salientamos a importância do estudo realizado nesse artigo ao se propor a apresentar uma análise acerca da obra de uma escritora inserida em um cenário de invisibilidade. Almejamos, por fim, que esse trabalho seja um contributo para o reconhecimento e o alcance da visibilidade das obras produzidas por escritoras portuguesas do século XX, bem como para o conhecimento dos ciclos enfrentados durante a jornada feminina, tornando-se fonte de possíveis reflexões para outras pesquisas na área da Literatura Portuguesa.

## REFERÊNCIAS

AMBIRES, Juarez Donizete. O Neorrealismo em Portugal: escritores, história e estética. **Trama**, v. 9, n. 17, p. 95-107, 2013. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/view/8207>. Acesso em: 04 maio 2023.

CARVALHO, Luiza MS Santos. A mulher trabalhadora na dinâmica da manutenção e da chefia domiciliar. **Estudos feministas**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 7-33, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43904021>. Acesso em: 11 maio 2023.

COVA, Anne; PINTO, António Costa. O salazarismo e as mulheres: uma abordagem comparativa. **Penélope: revista de história e ciências sociais**, n. 17, pág. 71-94, 1997. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2656445>. Acesso em: 21 abr. 2023.

ESTEVES, João. Os primórdios do feminismo em Portugal: a 1.ª Década do Século XX. **Penélope: Revista de história e ciências sociais**, n. 242, p. 87-112, 2001. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=265444>. Acesso em: 28 mar. 2023.

FIGUEIREDO, Carmen de. **Vida de mulher**. Lisboa: Livrolândia, [19--].

FLECK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em estudo**, v. 8, p. 31-38, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/yJ7FJKchnyMrnhgPPp463yc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2023.

FLORES, Conceição; DUARTE, Constância Lima; MOREIRA, Zenóbia Collares. **Dicionário de Escritoras Portuguesas: das origens à atualidade**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2009.

JACOME, Mirele Carolina Werneque; PAGOTO, Cristian. Cultura patriarcal e representação da mulher na literatura. **Ideação**, v. 11, n. 1, p. 09-23, 2009. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4936>. Acesso em: 06 de mar. de 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. O pensamento autoritário no Estado Novo português: algumas interpretações. **Locus: revista de história**, v. 13, n. 2, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20162>. Acesso em: 18 abr. 2023.

OLIVEIRA, Ana Flávia da Silva. **Famintos..., de Carmen de Figueiredo: uma escrita subversiva, à luz da crítica feminista**. 2022. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4478>. Acesso em: 11 abr. 2023.

PEDROSA, B. Do zeitgeist às prateleiras – as obras das autoras portuguesas censuradas. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 116-134, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2019v24n2p116>. Acesso em: 21 maio 2023.

PEREIRA, Michelle Thalyta Cavalcante Alves. **Problematização da condição da mulher no início do século XX em sozinha e um divórcio, de Sarah Beirão**. 2021. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). – Universidade Estadual da Paraíba Campina Grande, 2021. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4084>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PIMENTEL, I. F. A Polícia Política do Estado Novo Português – PIDE/DGS: História, justiça e memória. **Acervo**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 139-156, 2012. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/374>. Acesso em: 22 abr. 2023.

ROSAS, Fernando. O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. **Análise social**, [S. l.], v. 35, n. 157, p. 1031-1054, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41011481>. Acesso em: 03 maio 2023.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2005.

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; SAMPARO, Ana Julia Fernandes. Os direitos da mulher no mercado de trabalho: da discriminação de gênero à luta pela igualdade. **Revista Direito em**

**Debate**, v. 26, n. 48, p. 287-325, 2017. Disponível: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/7233>. Acesso em: 07 mar. 2023.

VAQUINHAS, Irene. Os caminhos da instrução feminina nos séculos XIX e XX. Breve relance. **Turres Veteras III**, Actas de História Contemporânea, p. 93-101, 2000.

WHEELER, Douglas L. A Primeira República Portuguesa e a história. **Análise Social**, [S. l.], v. 14, n. 56, p. 865-872, 1978. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41010158>. Acesso em: 02 maio 2023.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, pelo presente de Sua presença ao longo dessa jornada e de todas as jornadas que nessa vida trilhei.

À minha mãe, Maria José, por ter sido a personificação do amor e da coragem em minha vida. Por tudo aquilo que fez para que eu realizasse os meus sonhos, a minha imensa gratidão.

Ao meu pai, José Pontes, pelo cuidado que me dedicou e pelos seus ensinamentos.

À minha avó, Maria Paulo, pelo amor que me tem e por ser fonte de inspiração para mim. Às minhas tias, Gorete, Graça, Hosana e Aparecida, e aos meus tios, José e João, pelos seus gestos de amor a mim voltados.

À Ana Maria Brito, minha prima e madrinha, por tudo que me fez ao longo da minha história.

Àqueles a quem Deus me deu a graça de chamar de amigos, Denilson Torquato, João Torres, Anailton Laurentino, Isla Carolina, Daniel Cordeiro, Bruna Oliveira, Thiago Dantas, Morgana Moura, Marya Costa, Cleo Alves Monteiro, Luís Antônio e Júlio Soares. Pela nossa amizade, obrigada.

À minha querida turma 2019.1, de modo amoroso à Alyne Maria, Juliana Soares, Vanessa de Lima, José Eldení, Willame Pinheiro, Rita de Cássia, Maria José Pontes e Ewelyn Watsana. Pelo bem que me fizeram, obrigada.

Aos presentes que ganhei na universidade. De modo especial à minha primeira monitora em Metodologia Científica, Rossanna Sena. Sua amizade é, para mim, mais valiosa que todas as joias desse mundo. À Edilânia Oliveira, a Tarcísio Marcelo e à Rafaela Dionísio, pelo nosso vínculo e pelas alegrias que dele resultam.

À Maria Izabel e à Jaely Chagas, pelo acolhimento no início do curso, pela atenção e auxílios que se estenderam para além do início.

À minha querida UEPB – Campus III, por tudo que me proporcionou durante a graduação.

Ao professor Dr. Eduardo Valones, a quem chamo Mestre, o carinho que lhe tenho não se mede e não se compara. Obrigada por ter acreditado em mim e pelos presentes em forma de oportunidades que me vieram pelas suas mãos.

Ao professor Dr. Antônio Flávio, pelos seus valiosos ensinamentos que são fonte de reflexões que me acompanham nessa caminhada.

Ao professor Dr. Olavo Barreto. Com a sua chegada nesse processo de formação, a palavra docência apresentou-se diante de mim com outras conotações. Obrigada por ser um professor dotado da consciência da importância da sua profissão. Por ter contribuído de modo especial para a minha trajetória, a minha gratidão.

Ao professor Dr. Paulo Vinícius, por ter contribuído em instâncias que ultrapassam a carreira docente. Pelos nossos diálogos, pelas partilhas e pelo tempo que me dedicou. Sua atenção nos marca, seus ensinamentos seguem dentro de mim.

À minha orientadora, professora Dra. Aldinida Medeiros, pelo seu sim, pelo seu tempo e pelas palavras a mim voltadas durante esse percurso. Obrigada por ter me ensinado que os medos existem para serem enfrentados.

Às pessoas que contribuíram nessa minha caminhada, muitas vezes fisicamente distante, mas sempre dentro do meu coração, obrigada.